



Igreja e Inteligência Artificial

Por mais que a inteligência artificial nos pareça um tema recente e novo, especialmente em termos da sua relação com a instituição da Igreja, são cerca de setenta anos em que o diálogo e a reflexão sobre o assunto seguem em frente.

O primeiro caso foi registado em Detroit, em 1987, quando o Papa João Paulo II falou publicamente sobre robótica, explicando que as máquinas não podem substituir os humanos no mundo do trabalho. Assim começaram a surgir as questões que ainda hoje são predominantes no cenário em que vivemos: “Poderá a alma ser digital?” e novamente “Terá o digital uma alma?”.

A partir de 2016, as Universidades Pontifícias começaram a desenvolver os primeiros convites e discussões em torno da questão e, apesar das diferentes opiniões, abordagens e metodologias, chegaram à conclusão de que as máquinas deveriam ter o único objetivo de ajudar e apoiar os seres humanos nas suas atividades.

A partir desse momento, a Igreja sugere assim aos seus próprios membros, cristãos católicos em primeiro lugar, que trabalhem em conjunto para que a tecnologia seja centrada no ser humano.

Mas, como evitar argumentos triviais? O caminho, como veremos a seguir, não tem sido fácil e é por isso que, ao lado do tema da inteligência artificial, foi justaposta com a da ética.

Acadêmicos, pesquisadores, estudiosos e teólogos, dentro da Igreja, definiram assim as características chaves e indispensáveis que a inteligência

artificial deve ter para poder ser empregada, mesmo no mundo quotidiano. Falamos, portanto, de:

- transparência (conhecimento dos algoritmos e critérios utilizados para as máquinas inteligentes)
- Fiabilidade (princípio de que as máquinas não devem afetar os seres humanos),
- justiça e equidade (princípios de não discriminação em termos de raça, sexo, política...),
- liberdade (princípio de que devem ser garantidas a confidencialidade e a privacidade), - democracia (princípio que rege a governação dos dados)
- respeito pela dignidade e da consciência moral

Para resumir, num único termo, poderia se falar de utilidade, não entendida simplesmente como visando o lucro económico, mas visando, antes de mais nada, o bem-estar da pessoa.

Os sistemas em que trabalha a A.I. são linguísticos e neurolinguísticos, exatamente os mesmos sistemas que caracterizam os mundos da comunicação e da informação. É por isso que aqueles que trabalham e operam nestas duas áreas, é necessário que continuem a atualizar-se, formar-se e acompanhar a evolução não só da tecnologia, mas também da doutrina sobre o assunto.

Se a inteligência artificial continua a parecer um mistério que quase não nos pertence, podemos pensar no concreto e por esta altura podemos dizer que já quase se toma por garantido o seu uso em jornalístico e gráfico: há numerosos comunicados de imprensa e imagens, também difundidos online, inteiramente escritos e criados pela inteligência artificial.

Nos casos em que também optemos por utilizá-lo, devemos operar especificando sempre as fontes utilizadas para criar o nosso conteúdo (independentemente que o produto final ter sido realizado com a utilização de I.A.) e verificando, acima de tudo, se as ligações entre os dados são verdadeiras (o risco é, por vezes, que a I.A. ligue informações que, por vezes, não estão efetivamente ligadas umas às outras).

O conselho dos peritos é de pensar de acordo com as seguintes linhas:

- Um diálogo inclusivo: realizado em toda a Igreja, partes interessadas e Estados para discernir e sintetizar os critérios, diferenciando as áreas de ação dos peritos - as equipas de engenharia que lidam com as funções das máquinas e as equipas humanistas e religiosas que lidam, em vez disso, com as implicações, consequências e contradições dos mecanismos acima mencionados. A este respeito, há que ter em conta que estruturas supranacionais, como a União Europeia, por exemplo, e os próprios Estados, estão, na situação atual, a discutir a regulação da inteligência artificial e, portanto, a sua orientação por meio de códigos inequívocos e considerações
- Um diálogo que evita o alarmismo: há alguns anos atrás, havia desconfiança e medo entre estudiosos e pesquisadores em relação às redes sociais, e era de esperar que hoje também houvesse medo em relação à inteligência artificial - na realidade, mostrar o extremismo numa direção ou noutra apenas cria divisões mais acentuadas que depois são incapazes de dialogar em conjunto.

Para mais informações:

- Roma Apelo à Ética da IA:
https://www.romecall.org/wp-content/uploads/2022/03/RomeCall_Paper_web.pdf
- Livro “A alma Digital. A Igreja no Teste da Inteligência Artificial” de Giovanni Tridente: <https://www.taueditrice.it/libro/anima-digitale/>

Perguntas para reflexão:

1. *Já utilizámos ferramentas de Inteligência Artificial? Se sim, quais?*
2. *Que perguntas e dúvidas nos coloca esta relação mais ou menos desenvolvida entre pessoa e máquina?*
3. *Se temos escolas ou trabalhamos com jovens: que abordagem estamos a escolher para abrir um diálogo com eles?*
4. *Dão formação sobre o assunto na vossa organização/Instituto?*

Miriam Di Bartolo, Assistente da Comunicação da UISG

Contacto: assistente.comunicazione